

Vamos dialogar? A sexualidade desconhecida e encoberta

Shall we have a conversation? The unknown and concealed sexuality.

Gilmar Antoniassi Junior¹

Resumo: Falar sobre sexualidade implica retomar alguns recursos metodológicos, a história, a antropologia, a moral e a evolução social. Não se fala da sexualidade de maneira fragmentada, dividida, estanque. O presente artigo apresenta como objetivo geral abordar a temática da sexualidade na atualidade, porém rever o contexto histórico e os aspectos que a envolve no Brasil, a partir das contribuições da Psicanálise e do filósofo Michel Foucault. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, cujo objetivo geral, é refletir o caráter natural da sexualidade humana, podendo assim compreender o sentido da naturalidade em torno da temática. Conclui que a sexualidade é um fenômeno anterior ao aparecimento do homem, porém, vem sendo estudada objetivamente há apenas algumas centenas de anos. Longe de ser somente um ato físico, de natureza imutável, adquiriu significado simbólico bastante complexo e hoje funciona como uma estrutura social e cultural em si mesma, situada dentro de um sistema de poder.

Palavras-chaves: Sexualidade. Contemporaneidade. História.

Abstract: Talking about sexuality implies resume some methodological resources, history, anthropology, moral and social evolution. There is no mention of sexuality so fragmented, divided, tight. This article presents the general objective of addressing the issue of sexuality today, but reviewing the historical context and aspects that involves in Brazil, based on the contributions of psychoanalysis and philosopher Michel Foucault. This is a literature whose general objective is to reflect the natural character of human sexuality, so you can understand the sense of ease around the theme. We conclude that sexuality is a phenomenon before the appearance of man, however, has been studied objectively there are only a few hundred years. Far from being just a physical act, the unchanging nature, acquired symbolic significance rather complex and today works as a social and cultural structure in itself, situated within a power system.

¹ Pós-doutor, Doutor e Mestre em Promoção de Saúde pela Universidade de Franca. Psicólogo pela Faculdades Integradas de Fernandópolis. Pedagogo pela Faculdade Patos de Minas. Líder do Grupo de Pesquisa Cultura, Subjetividade e Promoção Psicossocial (DPGPSI-FPM).

Recebido em 11/04/2023

Aprovado em 01/05 /2023

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



Keywords: Sexuality. Contemporaneity. History.

1 INTRODUÇÃO

Falar sobre sexualidade implica retomar alguns recursos metodológicos, a história, a antropologia, a moral e a evolução social. Não se fala da sexualidade de maneira fragmentada, dividida, estanque. As relações sexuais são relações sociais, construídas historicamente em determinadas estruturas, modelos e valores que dizem respeito a determinados interesses de épocas diferentes. Esse relativismo não pode ser irresponsável. Ele nos permite perceber a construção social da sexualidade sem, contudo, fazê-lo de modo destrutivo ou imaturo. É uma tarefa gigantesca.

As grandes contribuições de Freud em torno ao estudo da sexualidade humana, descrevendo seu desenvolvimento desde a infância. Foi o primeiro pesquisador a ousar dizer que as crianças eram dotadas de sexualidade desde o início da vida, que se automanipulavam em busca de prazer (prazer inicialmente oral, depois anal e finalmente genital). O estudo da sexualidade e de seus diferentes aspectos desenvolvimentais e clínicos passou a ter relevância a partir de seu trabalho intitulado "Três Ensaios Sobre a Teoria Da Sexualidade". Desde então, uma série de estudiosos, pensadores e cientistas passaram a buscar mais conhecimento a respeito desse complexo fenômeno biopsicossocial, tanto com referenciais psicanalíticos, quanto comportamentais e biológicos.

Sobre o desenvolvimento psicossocial, na medida em que a idade adulta se aproxima, o adolescente deve estabelecer relacionamentos íntimos ou permanecer socialmente isolado. A obtenção da identidade sexual é intensificada pelas alterações físicas da puberdade. Também é influenciada por atitudes culturais, expectativas do comportamento sexual e modelos de papéis válidos. Os adolescentes procuram uma identidade de grupo porque necessitam de estima e aceitação. É comum, em grupos, uma semelhança no modo de vestir e falar. A popularidade com o sexo oposto, assim como os do mesmo sexo, tornase importante durante a adolescência. A necessidade de identidade de grupo entra em conflito com a necessidade de uma identidade pessoal (MOREIRA et. al., 2008).

Para tanto estabelecer o diálogo em torno da temática é essencial, mas faz necessário refletir o contexto histórico contemporâneo da sexualidade humana. O presente trabalho teve como objetivo geral abordar a temática da sexualidade na atualidade, porém rever o contexto histórico e os aspectos que a envolve no Brasil, a partir das contribuições da Psicanálise e do

filósofo Michel Foucault. Refletindo o caráter normal da sexualidade humana, podendo assim compreender o sentido da naturalidade em torno da temática.

Para melhor execução do objetivo proposto, o estudo utilizou-se da pesquisa qualitativa de revisão bibliográfica, a seleção dos artigos ou obras foi limitada a essência do estudo, para que pudesse constatar aspectos históricos e contemporâneos do estudo. A abordagem qualitativa foi utilizada, uma vez que ela permite uma melhor apreensão da realidade, definida como aquela que privilegia os microprocessos, através do estudo de ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, e caracterizado pela heterodoxia no momento da análise (MARTINS, 2004).

A pesquisa bibliográfica pode ser considerada como o passo inicial de toda pesquisa científica, é através dela que serão feitos os levantamentos de toda bibliografia publicada sobre o tema em questão. Podem ser revistas, livros e outras publicações em imprensa escrita. A pesquisa bibliográfica segue determinados passos, desde a escolha do tema a redação do trabalho final (LAKATOS e MARCONI, 1992). Uma busca por artigos científicos no *scielo*, *PubMed*, *BVS* e *Biblioteca Virtual da USP*, no período de fevereiro a julho de 2012. Tendo como descritores: *Sexualidade. Contemporaneidade. História*.

2 A SEXUALIDADE: um diálogo, uma reflexão

O comportamento sexual é diversificado e determinado por uma interação complexa de fatores. É afetado pelo relacionamento dos indivíduos com os outros, pelas próprias circunstâncias de vida e pela cultura pela qual ele vive. Em sua complexidade, a sexualidade articula dois eixos completamente diferentes da vida humana: um individual e outro coletivo. Uma referência o elemento onde libido, pulsões, desejos, prazeres e desprazeres interagem, num contexto de profunda intimidade. Outro refere ao elemento regulador da economia e da política, uma vez que está inscrito na dimensão da sexualidade o aspecto da reprodução e do crescimento da população, cujos efeitos atingem a sociedade de modo significativo (MURARO, 1983).

Ao propor uma análise do conceito de história que norteia as obras de Foucault, nos mostra que este autor procurou situar-se em relação às diferenças entre a História Tradicional e a História Nova do contexto da historiografia francesa de sua época. Na primeira, trata-se de reconstituir o rosto de determinado período, supondo haver um sistema de relações homogêneas configurando-se como uma rede de causalidade entre todos os acontecimentos de

uma área espaço-temporal. A tarefa do historiador consiste, nesta ótica, em traçar as linhas de continuidade do desenvolvimento de um pensamento, em uma lógica evolutiva (BARBOSA, 2004).

Justamente ao que se refere à dimensão social que a sexualidade adquire seu caráter de mais alto impacto. Frequentemente está ligada aos valores morais que, por sua vez, determinam comportamentos, usos e costumes sociais que dizem respeito a mais de uma pessoa. As relações sexuais são relações sociais, construídas historicamente em determinadas estruturas, modelos e valores que dizem respeito a determinados interesses de épocas diferentes (NUNES, 1987).

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 1985).

Na atualidade, já se sabe que nenhuma cultura lida com o sexo como um fato natural bruto. No mundo atual, somos continuamente assediados por um “ambiente sexual” que se manifesta nos mecanismos de sustentação da sociedade. A união da fêmea com o macho, ou da mulher com o homem, era celebrada como uma epifania ou manifestação sagrada dos poderes misteriosos que concedem e mantêm a vida. Esses rituais, assim como as imagens sexuais da arte paleolítica ou mesmo do período neolítico, refletiam uma visão da vida e da religião na qual a celebração do prazer era primordial (EISLER, 1996).

As noções mais primitivas relacionadas à sexualidade foram incorporadas e mantidas por diversas civilizações do Oriente, que se caracterizaram pelo desenvolvimento de uma *ars erotica*, incluindo-se aí civilizações como Índia, China e Japão. Essa “arte erótica” busca o prazer pelo prazer, encarado como prática e símbolo de experiência, sem qualquer referência ao seu caráter lícito ou mesmo de utilidade (FOUCAULT, 1985).

A cultura sexual ocidental, por outro lado, não é detentora de uma *ars erotica* e sim de uma *scientia sexualis*, essa maneira de ver o sexo e as práticas sexuais orientou-se muito mais no sentido de organizar procedimentos e estabelecer critérios para separar o lícito do ilícito, o socialmente aceito do que é visto com reservas pela sociedade, o que está de acordo com as normas médicas do que caracteriza-se como anomalia (FOUCAULT, 1985).

Cinco os aspectos mais importantes na definição do conceito Ocidental de sexualidade, construídos a partir da Idade Média e sustentados pelo rígido moralismo

religioso: 1) o patriarcalismo, a exaltação do poder do homem hebreu. 2) o dualismo platônico idealista e místico. 3) o estoicismo moral que negava a matéria e o prazer como intrinsecamente “maus”. 4) o maniqueísmo agostiniano que vê na sexualidade a fonte de todos os pecados, particularmente a partir da representação da “queda” de Adão. 5) o enquadramento dos agentes religiosos no celibato e o ideal de virgindade (NUNES, 1987).

A moral agostiniana é outro elemento marcante na formação do imaginário sobre sexualidade no Ocidente, bem como na orientação das práticas sexuais. Ela reduz a sexualidade ao nível procriativo. E, ainda assim, a considera inerentemente e eternamente pecaminosa. Essa condenação moral do sexo faz parte da estratégia dos primeiros sacerdotes do Cristianismo de impor e manter o controle sobre o povo, que ainda se recordava de tradições muito antigas. A Igreja Católica queria se consolidar como a única e exclusiva fé e, para isso, era necessário extinguir quaisquer mitos e rituais do sistema religioso antigo (EISLER, 1996).

De 1870 até a Primeira Guerra Mundial, surge o princípio de uma Ciência Sexual. Surge, também, o temor da superpopulação. Foi isso o que colaborou para que as políticas de contracepção fossem adotadas em larga escala, embora algumas religiões - principalmente o Cristianismo - vejam-na com reservas ainda hoje. A descoberta, em nível técnico, do conceito de população, no século XVIII, é o que gera as primeiras preocupações políticas e econômicas em relação ao sexo: pela primeira vez, a sociedade, em sua composição mais formal, interessa-se pela forma como cada um usa seu sexo (FOUCAULT, 1985).

[...] a sexualidade é o nome dado a um dispositivo histórico [...] à grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles, das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas estratégias de saber e poder. (FOUCAULT, 1993, p. 100).

A sexualidade na contemporaneidade empreende sua genealogia, buscando as múltiplas causalidades imbricadas em diferentes temporalidades. Como historiador do presente, este autor persegue nos discursos, práticas, realidades e instituições como a sexualidade vai se constituindo e se disseminando na forma de um dispositivo no corpo social. Embora não sendo um mal, pede uma delimitação para fixar até que ponto é conveniente praticá-los. O uso dos prazeres é constituído em função de diferentes estratégias que permitam obter prazer como convém. A *enkrateia* ou ‘temperança’ revela-se como um trabalho sobre si mesmo para a obtenção da liberdade, ser livre em relação aos prazeres é não estar a seu serviço, é não ser seu escravo (FOUCAULT, 2003).

A sexualidade burguesa, comparada às demais é marcada pela repressão intensa, apresentando-se como modelo para todas as camadas sociais. A sexualidade passa a ser vista como a chave para a compreensão da individualidade, ou melhor, o que constitui a própria individualidade. A partir do séc. XIX, o dispositivo de sexualidade vai fixando-se na forma da família, lugar obrigatório do afeto e dos sentimentos de amor (FOUCAULT, 2001).

A Psicanálise não limita a sexualidade ao corpo biológico, mas produzida pelas experiências psíquicas inconscientes, uma psicosexualidade. A grande contribuição da psicanálise foi nos revelar a lógica do inconsciente. É evidente que o corpo psicanalítico é um corpo fantasmático e não um corpo anátomo-fisiológico. Mesmo quando Freud articula a sexualidade às necessidades básicas do indivíduo, quando “apóia” a pulsão no instinto, não é para a semelhança entre ambos que está apontando, mas sim para as suas diferenças. É para o fantasma que se dirige o desejo e não para o real; é ao nível da representação que se passa a psicanálise (GARCIA-ROZA, 2003).

A civilização ergueu-se com base na repressão da sexualidade e na canalização da energia libidinal para outras atividades artísticas e culturais, via processo sublimatório, a sublimação do instinto constitui um aspecto particularmente evidente do desenvolvimento cultural; e é ela que torna possível as atividades psíquicas superiores, científicas, artísticas e ideológicas, o desempenho de um papel tão importante na vida civilizada (FREUD, 1986).

Birman (2006), alerta para o risco de empreendermos uma leitura do texto freudiano o mal-estar na civilização de 1986, de maneira abstrata e a-histórica vendo neste, apenas uma passagem da espécie humana do registro da natureza para a ordem da cultura. Sob este prisma, o mal-estar seria naturalizado, concebido como o preço a se pagar pela condição humana, condenada eternamente aos impasses produzidos pelo conflito entre a natureza e a cultura.

Freud e Lacan revelaram como o inconsciente foi permeado pelos valores do patriarcado. Como exemplo, podemos citar as primeiras teorizações freudianas referentes ao “masculino” e “feminino” (ter o falo/não ter o falo; “a inveja do pênis nas meninas”) (BIRMAN, 2006, p. 102).

A Psicanálise ocupou uma posição singular no final do séc. XIX, pois representou uma ruptura com o sistema teórico da degenerescência, separando a tecnologia médica do instinto de suas correlações com a hereditariedade e com todos os racismos e eugenismos. Assim, em meio às injunções do bio-poder, que culminou em direções problemáticas como o nazi-facismo, com seu ideário de “proteger a pureza do sangue e fazer triunfar a raça”, a

Psicanálise, ao romper com as teorias da neuropsiquiatria e da degenerescência, vai representar política e teoricamente o extremo oposto do nazismo (FOUCAULT, 2002).

É preciso que a Psicanálise coloque em questão o imperativo platônico-socrático do conhecer a si mesmo para que possa inscrever-se na tradição ética do cuidado de si, concebendo a linguagem de outra maneira, como algo inscrito no campo de relações de força, ou seja, o olhar do psicanalista deve voltar-se também para as relações de poder veiculadas na linguagem (BIRMAN, 2006).

Sexo e sexualidade são fatos modernos e que, mesmo na história do Ocidente, nem sempre tivemos uma palavra que englobasse a multidão de significados, ou de referentes, que o termo sexualidade engloba.

O século XX foi caracterizado por um processo de modernização e de rápida urbanização, em que os discursos morais da higiene social e da medicina moderna em torno da sexualidade foram modificados. A crescente incorporação de novos marcos teóricos influenciou a produção de conhecimento de uma maneira geral, e em especial no campo da sexualidade, trazendo informações de campos disciplinares como a sociologia, a antropologia e a psicologia, afastando o estudo da sexualidade como questão moral ou religiosa. Mudanças na estrutura e na dinâmica das famílias, da moralidade e da autoridade da religião sobre o cotidiano das pessoas introduziram, também, alterações na experiência da vida sexual no Brasil. (PARKER, 1991, apud ARILHA; CALAZANS, 1998)

A iniciação sexual não é entendida apenas como a ocorrência de uma primeira *relação sexual completa* (com penetração vaginal). Trata-se de um longo percurso que os jovens atravessam, em parceria com alguém do outro sexo, permeado por carícias íntimas, desvelamento gradativo do próprio corpo e do corpo do parceiro, conversas, dúvidas e medos, experimentação de sensações e sentimentos novos. o preparo que a primeira relação exige também é vivido de modo muito distinto pelos jovens. Entre as mulheres entrevistadas, há as que planejaram detidamente tal situação, com visita prévia ao ginecologista, amparadas pela contracepção e ciência da família, as que agiram motivadas por pressão de terceiros, bem como aquelas que, inseridas em namoros longos, estabelecem um certo cálculo na ponderação de *compromisso* do parceiro com a relação estabelecida. No que se refere aos rapazes, o processo de aprendizado do domínio das regras de aproximação ao sexo oposto foi menos explicitado, em comparação às garotas. Isso não significa que ele aconteça isento de ansiedade e apreensão (BRANDÃO, 2000).

A cultura da sexualidade no país é observar que, no Brasil e entre os brasileiros, há uma certa ênfase na natureza sensual dos indivíduos. O conceito remete aos tempos de civilização, quando os exploradores fizeram suas primeiras representações dos trópicos. Curioso notar, no entanto, que aquilo que ficou marcado pelas descrições dos forasteiros e dos exploradores passou a ser reproduzido, de maneiras diversas e em circunstâncias diferentes, pelos próprios brasileiros, pelo menos nos dois últimos séculos de sua história (PARKER, 1991).

No Brasil contemporâneo, era imprescindível confrontar ignorância com conhecimento e informação. Novas formas de educação sexual passam a ser consideradas e postas em prática, antigos conceitos, como o onanismo, são reinterpretados. A própria noção de doença sofreu um importante impacto. Ela não estava mais situada nos corpos ou nas pessoas, mas era fruto das superstições e repressões (PARKER, 1991).

A única prática sexual socialmente reconhecida é a adotada pelo casal oficialmente unido perante a sociedade, incumbidos da função de reproduzir-se. Este é o modelo imposto e o que ocorre fora dessa realidade passa a ser visto com desconfiança. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá esse *status* e deverá pagar as sanções (FOUCAULT, 1985).

Ao refletir o entendimento da sexualidade brasileira, é preciso encarar não só as referências delimitadoras da atividade sexual, mas também a capacidade de cada ator de, neste contexto, moldar suas próprias experiências sexuais. Em um cenário, que ainda é marcado pelo controle e pela possibilidade de estabelecer normas, aparece, em paralelo, um universo marcado pela transgressão e que, em grande parte, marca a própria identidade do povo brasileiro.

Segundo Parker (1991), para os brasileiros, é no domínio erótico que a transgressão sexual não apenas se torna possível, como também passa a ser valorizada. No universo do erotismo, as transações sexuais são um fim em si mesmas: o objetivo é a realização do desejo e a obtenção do prazer pura e simplesmente. A “ideologia erótica”, como define Parker, estrutura um universo alternativo de experiência sexual, que chega até a marcar as diversas manifestações populares: a linguagem, as festas típicas, as histórias que uns contam aos outros sobre si próprios, sempre se colocando como seres extremamente sensuais.

Para entender esses processos [...] e as profundas implicações que têm para a vida de alguns seres humanos, precisamos olhar não apenas para as semelhanças, os padrões

de coerência cultural que existem entre essas configurações altamente diferentes, mas também para as diferenças cruciais que as separam – as contradições lógicas e emocionais que fluem delas. (PARKER, 1991, p. 19)

Às ambigüidades que marcam a vida moderna brasileira. Na mesma linha de pensamento, observa Foucault que as sociedades industriais modernas não foram capazes de reprimir intensamente e objetivamente as práticas sexuais periféricas. O que se deu, em decorrência da aplicação de diversos mecanismos coercitivos, foi, ao contrário, uma proliferação de prazeres específicos e a multiplicação de sexualidades disparatadas (FOUCAULT, 1985).

A tão esperada libertação sexual, na sociedade atual, encontra-se travestida pela proliferação de discursos sobre o sexo e atos sexuais, que incitam o consumismo, a pornografia e a relação objetual e superficial com a própria sexualidade e a alheia. A sexualidade é o ponto central da nossa sociedade de consumo caracterizado pelo hedonismo (GIDDENS, 1993).

O fenômeno da exploração do sexo em seu aspecto objetual, no entanto, não foi acompanhada de uma emancipação dos indivíduos, com relação aos aspectos que dizem respeito ao próprio corpo e às experiências de sexualidade. Para Nunes (1987), é um mito dizer que “os jovens de hoje sabem mais”. O autor afirma que esta é apenas uma estratégia que os pais e a sociedade, de forma geral, utilizam para justificar sua omissão.

No contexto atual, o que se vê é que a família se prende a um discurso dogmático sobre sexualidade, a religião assume discursos muitas vezes contraditórios no que diz respeito à questão, quando não defende um conservadorismo anacrônico. Já o Estado, que controla as escolas, vê a questão menos pela ótica moralista e mais pelo viés técnico, sob o ponto de vista demográfico, biológico, profissional e político (NUNES, 1987).

De qualquer forma, o que se pode concluir é que ainda impera um quadro de ambigüidade em relação à sexualidade: nunca se falou tanto de sexo. Mas, de certa forma, a desinformação e a falta de intimidade com o assunto persistem. Para tanto é necessário dialogar sobre a sexualidade, podendo assim, encontrar um ponto de partida para a significação da mesma na vida do sujeito.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente estudo conclui-se que a sexualidade é influenciada por diversas contingências que contribuem significativamente para o bem-estar dos indivíduos. Com tudo é de fundamental importância compreender que a sexualidade é parte integrante do processo de viver e conviver do ser humano.

As idéias sobre o corpo transformaram-se ao longo da evolução do homem, passaram pela idéia de máquina autônoma, de partes ligadas por relações de causa e efeito, depois passou a ser considerado uma totalidade, com funções e finalidades próprias, sendo capaz de se adaptar e se reproduzir (PAULA & TAKAHASHI, 2009).

Na sociedade contemporânea a qual vivemos não podemos anular a sexualidade, é preciso compreender que a sexualidade é algo norma e natural. As experiências sexuais não se limitam apenas a relação sexual de *coito*, o relacionamento afetivo sexual, proporciona ao individuo identificar todos contingentes do relacionar em sociedade.

Portanto, a distinção dos modelos de homem e mulher não deve, portanto, criar ilusões. Um corpo com caracteres masculinos não indica que o sujeito esteja em uma posição masculina, nem tampouco que as características biopolíticas femininas definem uma mulher. O masculino e o feminino são posições de gozo que se instituem nos falantes, segundo André (1987), homens e mulheres, pela maneira na qual se inserem como sujeitos nessa função. Não é, pois, a função fálica, a lei fálica que por si mesma os faz diferentes, mas sim a posição subjetiva pela qual se declaram sujeitados a ela.

Assim é necessário refletir que a sexualidade sempre será tema polemico, porém necessário de ser debatido, trabalhar em ações conjuntas de educação e saúde sexual é necessário, somente assim o mito do sexualidade deixara de ser desconhecida e encoberta.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, S. **O que quer uma mulher?**. Tradução: Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

ARILHA, M & CALAZANS, G. **Sexualidade na adolescência: o que há de novo?** In: BRASIL. Ministério do Planejamento e Orçamento. Comissão Nacional de População e Desenvolvimento. **Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas**. Brasília, DF. CNPD, 1998.

BARBOSA, P. L N. O acontecimento discursivo e a construção da identidade na história. In: SARGENTINI, V.; BARBOSA, P. L. N. (Org). **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade**. São Carlos: Claraluz, 2004. p. 97-130.

BIRMAN, J. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

BRANDÃO, E R. **Iniciação sexual e afetiva: exercício da autonomia juvenil**. Rio de Janeiro: UERJ, 2000.

EISLER, R. **O prazer sagrado: sexo, mito e a política do corpo**. Tradução de Ana Luiza Dantas Borges. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

FREUD, S. Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. In: _____. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

_____. Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna. In: _____. **Obras completas**. v. 9. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 7. ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

_____. **História da sexualidade: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

_____. **História da sexualidade: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**. 4. ed. São Paulo: Atlas. 1992.

MARTINS, H. H. T. S. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. São Paulo: Educação e Pesquisa, v. 30, n. 2, p. 289-300. 2004.

MOREIRA, T. M. M.; VIANA, T. S.; QUEIROZ, M. V. O; JORGE, M. S. B. Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez. **Rev. Esc. Enferm USP**. v.42. pp.312-320. 2008.

MURARO, Rose Marie. **Sexualidade da mulher brasileira: corpo e classe social no Brasil**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

NUNES, César Aparecido. **Desvendando a sexualidade**. Campinas, SP: Papirus, 1987.

PAULA, M. A. B. & TAKAHASHI, R. F. Sexualidade Humana: Resgatando Aspectos de sua Trajetória ao Longo da História. **Rev. Estima**, v. 17, n. 1, p. 33-38, Jan/ Fev/ Mar. 2009.

PARKER, Richard G. **Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo**. 2. ed. Tradução de Maria Therezinha M. Cavallari. São Paulo: Best Seller, 1991.